

REFLEXÃO

O INVERNO DAS SOLUÇÕES

LUIZ CARLOS CORRÊA CARVALHO

Presidente da Associação Brasileira do Agronegócio (ABAG)

AS IMPORTANTES mudanças observadas a cada ano no clima das regiões produtoras têm sido claro motivo de preocupação do agronegócio. Antes somente indicada como solução às regiões áridas, a irrigação já é tema presente nas empresas produtoras no Sudeste e no Centro-Oeste, num claro sintoma de quebra de paradigma. Por outro lado, o aquecimento das águas do Pacífico e/ou Atlântico gera El Niño, La Niña e, enfim, volatilidades adicionais aos elevados riscos da agricultura. Neste lado tropical do Planeta, o Brasil não tem política de seguro rural, apresenta fraquíssima logística e, para completar o quadro de penúria, pouco crédito disponível, caro o suficiente para assustar as empresas.

Em pleno inverno, no Centro-Oeste e no Sudeste, as temperaturas seguem elevadas, e há previsão de muitas chuvas na primavera na maioria das regiões brasileiras, trazendo a percepção de dificuldades no plantio da safra de grãos e na colheita da safra da cana-de-açúcar. Neste inverno, que terminou em 23 de setembro, apenas as noites são mais frias, reduzindo a temperatura no caminho da madrugada. Essa imagem encaixa-se à realidade do Brasil e de sua economia no inverno de 2015: inflação chegando perto de 10%, déficits para todo lado, descoordenação de governança e en-

fraquecimento da lógica; partidos políticos que são um amontoado de interesses, muitos temendo e tremendo pelo que ainda virá na esteira do Lava Jato. É um inverno de muita desilusão, restando a força que sustenta, que faz resiliente o brasileiro – a esperança. O sol chegará, por mais longa que seja a noite do quente inverno de 2015.

O agronegócio carrega a missão sublime de, em sinergia com os recursos da natureza, empregar conhecimento e insumos, alimentar com grãos, fibras, frutas, carnes; produzir energia renovável com óleos vegetais e carboidratos; e embelezar com flores. Isso é meta, esforço e dedicação; isso é o que faz o agricultor o ano todo no Brasil.

No inverno dos atuais tempos, tudo está mais difícil. Da desconfiança elevadíssima, fruto da irresponsabilidade com o futuro, ao desrespeito com o presente. Nesse clima negativo, o crédito ao produtor desaparece, mas os gastos do Governo seguem elevadíssimos; os partidos políticos têm enorme dificuldade em comunicar-se com a sociedade, e o Governo emudece.

Mas, o mais importante é ter a visão. Como será o ciclo de baixa das *commodities* hoje “casadas” com o petróleo e os produtos agrícolas? Até que ponto a pres-

ção externa de preço incidirá nos preços dos derivados do petróleo no Brasil? Qual será a postura do Governo nos casos dos massacres contra a Petrobras e o etanol? Manter o preço alto do diesel ajuda a Petrobras, mas eleva os custos; manter baixos os preços da gasolina é referência para acabar de arrebentar o etanol. E a China e as suas importações? E os EUA e uma possível volta dos juros?

A CIDE, reajustada no seu valor, ajuda o etanol e gera arrecadação ao Governo; se criar pressão de certa inflação, manterá empregos e permitirá a volta dos investimentos. Acordos especiais governo-governo serão fundamentais para gerar mais mercado aos produtos do agronegócio brasileiro.

As soluções devem emergir ao sol. ■

